

MONGE JOÃO MARIA DE AGOSTINI: UM EREMITA PEREGRINO TRANSNACIONAL

*Ari Pedro Oro*¹

INTRODUÇÃO

Alexandre de Oliveira brinda-nos com um instigante texto sobre a história de vida e a trajetória de um personagem que não somente se destacou no seu tempo como também produziu desdobramentos que persistem até o presente. Trata-se de um indivíduo que suscitou mimetismos, que atraiu e encantou multidões, que causou preocupações às autoridades da época e que soube transitar por entre as filigranas políticas e religiosas que vigoravam no Brasil do século XIX. Seu nome figura ainda hoje no imaginário coletivo do sul do Brasil – mas não somente aqui – sendo detentor de múltiplas representações, a mais recorrente delas considerando-o um santo, não canônico, a quem se intercede como mediador entre os humanos e as potências divinas para remediar as aflições de várias ordens.

O personagem chama-se João Maria de Agostini, ou João Maria d'Agostini – “o iniciador da crença nos *santos monges*” – um italiano que peregrinou pelo Brasil entre os anos de 1844 e 1952, cujo nome e estilo de vida produziram na sequência dois outros indivíduos, sobre os quais falaremos mais à frente, que assumiram publicamente a sua identidade ou tendo sido identificados como sendo o Monge João Maria, devido às representações imaginárias construídas historicamente sobre esta figura andarilha e tida como portadora de dons extraordinários.

Alexandre Karsburg concentra-se na figura do primeiro Monge João Maria, ou seja, João Maria de Agostini, cuja história de vida não havia

¹ Professor do PPG em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Antropologia pela Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle. Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: arioro@uol.com.br.

ainda recebido a atenção meticulosa e atenta do historiador que procura as fontes certas para elucidar as dúvidas e reconstruir os caminhos trilhados pelo personagem. Ora, tal empreendimento foi agora realizado exemplarmente e o texto aqui comentado, bem como a tese de doutorado defendida pelo seu autor (Karsburg, 2012), fazem surgir das brumas um indivíduo fora do comum, cuja história pessoal parece sair de um filme de ficção. Trata-se, não sem razão, de uma figura polêmica que, devido à sua própria apresentação pessoal, atividades quotidianas e discurso que proferia, atraía muitas pessoas e produzia inquietações nas autoridades da época. Seu estilo de vida recordava os eremitas e ascetas da história cristã, sendo, por isso mesmo, considerado um personagem extraordinário, provocando tensões e suspeições de várias ordens.

A meu ver, um dos mais importantes achados da pesquisa realizada por Karsburg consiste no fato de que o personagem em questão possui uma história pessoal que transcende em muito o sul do Brasil. Ou seja, até então, as principais obras que versavam sobre a figura do Monge João Maria de Agostini davam conta de sua presença em Sorocaba e posteriormente no sul do Brasil, sobretudo em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e na Ilha do Arvoredo, em Santa Catarina, servindo de *modelo* para outros *monges* com o mesmo nome, um deles tendo sido, inclusive, um protagonista importante na Guerra do Contestado, ocorrida no meio-oeste catarinense entre os anos de 1912 e 1916. Ora, Karsburg encontrou provas documentais que dão conta da presença do Monge João Maria de Agostini não somente em outras províncias brasileiras, mas também em outros países latino-americanos e até mesmo no México e nos Estados Unidos, onde acabou os seus dias. Dessa forma, o autor ressalta que o Monge Agostini é um personagem global, transnacional, um andarilho das Américas. Assim, o autor junta e une o que até então era visto separadamente, ou seja, João Maria de Agostini e Juan Maria d'Agostini é o mesmo indivíduo que em pleno século XIX, apesar da precariedade de condições de deslocamento, teria realizado peregrinações muito extensas, atravessado províncias e países muito distantes, tendo em todos eles reproduzido um mesmo modo de ser resultante de suas profundas convicções de eremita solitário e pregador autônomo do Evangelho.

HISTÓRIA DE VIDA DE UM EREMITA ANDARILHO

A história de vida de João Maria de Agostini pode assim ser contada, sinteticamente. Nasceu na região do Piemonte, no norte da Itália, provavelmente em 1801. Segundo Karsburg, (2014, p.62) “[...] almejou o sacerdócio, no caso ser monge Cartuxo e Trapista, tentativa essa que aconteceu na Espanha no início da década de 1830”. Porém, um defeito físico na mão esquerda o impediu de ser ordenado, o que o levou a assumir por conta própria o sacerdócio que a instituição lhe negou. Fez votos de eremita, tornou-se devoto de Santo Antão Abade, ou Santo Antão do Egito – anacoreta que viveu entre os anos de 251 e 356 nos desertos do Egito – e, ao mesmo tempo, empreendeu uma vida de peregrino internacional na divulgação do Evangelho. Assim, não deixou de realizar a sua vocação, mesmo que esta não tenha sido legitimada oficialmente pela igreja católica. Assumiu o modelo iconográfico do próprio Santo Antão, também semelhante aos profetas bíblicos, portando barbas longas e hábito rústico. Acrescenta Karsburg que suas peregrinações resultaram de uma promessa feita à Virgem Mãe.

Agostini esteve no Brasil entre os anos de 1844 e 1852. Aqui, o seu modo de ser pessoal seguiu, até certo ponto, o modelo adotado pelos frades capuchinhos, então bastante conhecidos em certas regiões do país. Antes, porém, de chegar ao Brasil o Monge João Maria teria estado na Venezuela e no Peru, entre os anos de 1838 e 1843. Entre agosto e dezembro de 1844, viveu no Cerro da Gávea, na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro. Na véspera de natal de 1844, chegou em Sorocaba, São Paulo. Provavelmente em 1846, mas seguramente em 1848, já se encontrava em Santa Maria², no Rio Grande do Sul, onde criou fama em torno das fontes milagrosas, as “Águas Santas do Campestre de Santa Maria”. Neste local também criou a devoção a Santo Antão Abade³. Esteve no Morro do Botucaraí, no município

² Segundo Fachel (1995, p. 19), “a data de sua chegada é incerta, situa-se entre 1846 e 1848”.

³ Vale recordar, com o autor do texto, que “neste local (morro do Campestre, Santa Maria), o *monge*, com a ajuda de moradores, ergueu uma ermida para colocar nela a imagem de Santo Antão Abade. Porém, o que estava atraindo quantidade impressionante de

de Candelária, em 1848⁴, onde foi preso e enviado para a Província de Santa Catarina, mais especificamente para a Ilha do Arvoredo, onde permaneceu entre janeiro e maio de 1849. Em junho de 1849, chegou novamente ao Rio de Janeiro. Deixou o Brasil em novembro de 1852, dirigindo-se para a Argentina e depois para o Chile, na Cordilheira dos Andes, onde permaneceu até 1856. Segundo Karsburg, na sequência, andou por Bolívia (1858), Peru (1859), Guatemala e México (1861), Cuba (1861) e Quebec, no Canadá (1862). Em 1863, chegou aos Estados Unidos⁵. No Novo México, tornou-se amigo do comerciante e fazendeiro Dom Manuel Romero e habitou um cerro de uma cadeia de montanhas, no norte deste estado, durante quatro anos. Posteriormente, deslocou-se para Mesilla, na fronteira com o México, onde habitou numa gruta, entre os anos de 1868 e 1869. Em abril daquele ano, foi morto neste local pelos índios no Novo México.

No texto aqui comentado, Karsburg não apresenta informações detalhadas sobre os deslocamentos do Monge, o que faz, como disse, em sua tese de doutorado. É de se supor que em suas andanças o Monge tenha utilizado os meios de transporte aquático e terrestre, embora precários, existentes na época⁶. Pouco sabemos sobre os recursos financeiros de que dispunha o Monge para cobrir as despesas das viagens que realizava. Sua manutenção, como assinala o autor do texto, dava-se geralmente mediante

peçoas ao Cerro do Campestre era a fonte de água que todos acreditavam operar “curas milagrosas”.

⁴ Segundo Fachel (1996, p. 44), é provável que antes de se estabelecer no Campestre, em Santa Maria, o monge já tinha estado no morro do Botucarai e que durante a sua estada nesta região ele tenha se deslocado em ambos os morros. De qualquer modo, “no cume do Botucarai o Monge João Maria ergueu uma cruz, mas não estabeleceu o culto a Santo Antão, como havia feito no Campestre de Santa Maria”.

⁵ Conforme mapa montado por Karsburg, e apresentado em sua tese de doutorado, mostrando o roteiro dos deslocamentos efetuados pelo Monge, desde a sua partida de Nantes, em 1838, até a sua morte, no Novo México, em 1969 (2012, p. 432).

⁶ Em sua tese de doutorado, Karsburg (2012, p. 28) esclarece que “João Maria de Agostini passou pelos principais países do continente americano, ora vivendo em montanhas, ora em grutas e cavernas, percorrendo milhares de quilômetros a cavalo, de barco e, sobretudo, a pé”.

a obtenção de víveres resultantes da troca de bens religiosos que o próprio Monge confeccionava e doações que lhe prestavam os seus admiradores e fiéis, o que é comum em se tratando de indivíduos que levam uma vida semelhante à do Monge João Maria.

Diga-se de passagem que os estudos sobre a circulação internacional realizada hoje em dia por missionários, de qualquer confissão religiosa, procuram justamente compreender além das motivações para a prática missionária, como ocorre a transnacionalização, como ela é operacionalizada em termos de temporalidade, frequência, custos, além das redes sociais que cercam os fluxos religiosos e as implicações e exigências legais associadas aos deslocamentos (Trombetta, 2013; Argyriadis et alii, 2012; Oro; Steil; Rickli, 2012; Rocha; Vasquez, 2013).

Relativamente ao Monge João Maria, assinala o autor do texto aqui comentado, que esse possuía a sensibilidade, no sentido de obter cartas de recomendação e documentos que atestassem a sua idoneidade pessoal. Dessa forma, nos locais em que chegava, procurava as autoridades para se apresentar e poder, com isso, empreender os deslocamentos e as tarefas que desejava.

João Maria detinha duas características, aparentemente contraditórias. Havia assumido um princípio de vida eremita, tendo como modelo o místico egípcio Santo Antão. Tal como este eremita, que viveu solitariamente no deserto, João Maria optou por levar uma vida pessoal solitária, escolhendo locais como grutas e cavernas para realizar a sua ascese pessoal. Este era o *seu deserto*.

Porém, João Maria juntava a vida de “solitário eremita”, recolhido em cavernas e grutas, geralmente em montanhas, com a vida de andarilho, itinerante, peregrino. Enclausurado, orava e refletia. Andarilho, pregava o evangelho. Assim, João Maria ensinava pelo exemplo e pelos discursos, diferentemente, como refere Karsburg, tanto de Santo Antão (eremita) quanto de São Francisco de Assis (andarilho pregador). Ou então, João Maria realizava uma síntese entre Santo Antão e São Francisco de Assis: o eremita e o peregrino.

Karsburg assinala corretamente que esta situação de eremita solitário e pregador itinerante do Evangelho contribui para a dificuldade de se rotular este personagem que soube transitar por entre as brechas abertas

pela sociedade e a cultura brasileiras do século XIX. De fato, João Maria de Agostini encontrou espaço para agir entre, ou juntando, o religioso institucional e o popular, o político oficial e o oficioso, o religioso e o político, a religião e a medicina, a religião e a natureza, o sagrado e o profano. Por isso mesmo, o Monge residiu em grutas e cavernas, mas, também circulou em igrejas e palácios; interagiu com pessoas simples e com autoridades políticas e eclesiásticas; manteve sua autonomia e respeitou as normas e leis; viveu a experiência da profunda solidão e conviveu com diferentes círculos sociais com os quais criou redes de relações de troca. Em todas essas situações, soube ler e captar os recursos naturais, sociais e culturais disponíveis e, como diz Karsburg, soube manipulá-los “em benefício próprio”. Especialmente, para exercer o seu ministério, soube “tirar proveito das circunstâncias de valorização de frades europeus e da ‘insuficiência’ de capuchinhos no Brasil”. Assim, segundo Karsburg, até certo ponto, o Monge João Maria agiu como um “‘infiltrado’ no *Império* dos barbadinhos, apelido popular dado aos capuchinhos pelas longas barbas que usavam” (2014, p. 51).

Essa extraordinária e versátil vida deste personagem oportuniza a construção de múltiplas e controversas imagens e representações a seu respeito: santo, eremita, milagroso, impostor, espião, charlatão, curandeiro, embusteiro. Esta ambiguidade não é novidade em se tratando de personagens semelhantes ao Monge João Maria, posto que eles provocam sentimentos controvertidos e ambíguos, uns favoráveis e outros desfavoráveis. Eles também se prestam como bodes expiatórios das tensões políticas e sociais que vigoram no meio em que se estabelecem (Pereira de Queiroz, 1976; Hobsbawn, 2010). Recordo que o Monge João Maria foi acusado de espião argentino e por isso mesmo deportado para Santa Catarina, apesar de estimado e procurado por uma grande massa humana do Rio Grande do Sul, além da Argentina e do Uruguai, quando encontrava-se em Campestre e no Cerro do Botucaraí.

JOÃO MARIA DE AGOSTINI: UM SANTO POPULAR

Entre as várias representações construídas acerca do Monge João Maria de Agostini, destaca-se e permanece no tempo a sua condição de santo popular: “São João Maria, ou Santo Monge” (Goes, 2007, p. 19). É verdade, como

assinala Karsburg, que João Maria aspirava à santidade pessoal ao mesmo tempo em que assumia a condição de pregador do Evangelho. Por isso, adotou o modelo do asceta eremita, despojado dos bens materiais, alimentando-se frugalmente e vivendo a experiência subjetiva da santificação pessoal. Movido certamente por uma vocação missionária, compatibilizou esta situação pessoal com a pregação do Evangelho a pessoas que conclamava para seguirem os ensinamentos do Senhor. O resultado é que por onde passou, devido ao somatório do seu estilo de vida pessoal e da pregação religiosa, foi facilmente elevado à condição de santo popular, a quem as pessoas acorriam em busca de solução das aflições, como se deu no Campestre de Santa Maria, em 1848. Neste lugar, diz Karsburg, acreditando “[...] que o *monge* tornara milagrosas as águas de uma fonte, milhares de pessoas se dirigiram até o cerro do Campestre, na vila de Santa Maria da Boca do Monte, em busca de cura para as mais diversas enfermidades” (2014, p. 23).

Canonizado pelo povo, até o momento, não foi reconhecido como tal pela Igreja Católica, o que não minimiza a sua importância para os seus devotos que lhe reservam um lugar especial em suas preces e em seus altares domésticos. Além disso, a sua passagem pela região sul do Brasil criou toda uma topografia religiosa, ainda existente, vinculado à figura do “Monge João Maria”, associada a cerros, montes e fontes de águas santas. Assim, não por acaso, encontram-se até hoje imagens e santinhos, oratórios e fontes de águas, espalhados pelo sul do Brasil, associados ao “Monge João Maria” (Oliveira, 1992). Nesse caso, evidentemente, utiliza-se a nomenclatura “monge João Maria”, não se referindo, porém, a João Maria de Agostini. Trata-se de outros dois monges.

Com efeito, segundo Fachel (1996, p. 53-54), o “segundo Monge João Maria [...] conhecido por João Maria de Jesus”, surgiu no sul do Brasil nos últimos vinte anos do século XIX, cujo nome era Anastás Marcaf. O terceiro monge teria aparecido em 1911, no município de Campos Novos, em Santa Catarina. “Dizia-se irmão do Monge João Maria d’Agostinho e passou a adotar o nome: José Maria de Santo Agostinho”. Pereira de Queiroz (1976, p. 271) esclarece que o nome deste “monge” era Miguel Lucena de Boaventura, “desertor do 14. Regimento de Cavalaria de Curitiba, que em

Palmas começara a agir como curandeiro ou “profeta”, tendo então sido preso ou por homicídio, ou por atentados à moral. Fugira da cadeia e fora aparecer em Curitiba, exercendo atividades de curandeiro”. Esse monge teve uma participação direta na Guerra do Contestado. Pereira de Queiroz (1976, p. 269) suspeita de que tais monges assumiram estes nomes “[...] para aproveitar a celebridade que já o rodeava”.

Seja como for, o que foi dito anteriormente remete para a importância da geografia religiosa, dos lugares no espaço, dos monumentos, das imagens e símbolos religiosos, para a construção, manutenção e preservação de certas crenças religiosas. Estas, segundo Halbwachs (1971), necessitam de pontos de referência, de um suporte geográfico e icônico para se manterem, assegurando assim a possibilidade dos devotos contemplarem e tocarem os depositários de suas crenças e valores. Desse modo, para o sociólogo da escola durkheimiana, o importante não é saber se os eventos ocorreram nos lugares determinados. É o caso, diz ele, da topografia religiosa da Terra Santa, onde não há particularmente certeza histórica e arqueológica dos locais atualmente atribuídos aos eventos que envolvem a vida de Cristo. Mas isto é secundário, pois o que importa é a elaboração coletiva do estabelecimento de lugares sagrados para fixar determinadas crenças religiosas e a memória em torno do fundador do cristianismo. Dessa maneira, no dizer de Halbwachs (1971, p. 123), “[...] os lugares sagrados comemoram não fatos certificados por testemunhos contemporâneos mas crenças nascidas talvez não longe destes lugares e que ali se fortificaram e se enraizaram”.

O mesmo pode-se dizer em relação a toda uma simbologia territorial associada ao Monge João Maria, “à formação do território do Santo Monge”, como refere Goes (2007, p. 87), carregada de significações religiosas. Trata-se, como já disse, de fontes e cerros, mas, também, de ermidas, capelas e cruzes, onde não é o caso, relativamente às “fontes de águas santas”, por exemplo, de saber se de fato o Monge bebeu ou abençoou tais fontes particulares, mas a importância das mesmas para manter a crença em torno da figura e dos poderes do Monge, ou dos Monges João Maria. Estes lugares tidos como “sagrados” pelos devotos constituem-se em suportes da devoção e das crenças em torno do monge.

Portanto, para seus devotos, fiéis e seguidores, João Maria de Agostini era considerado um santo, mesmo que ele não tenha se apresentado como tal, embora, como vimos, pessoalmente procurasse a própria santidade. Mas, Karsburg menciona depoimentos de autores que apresentam a figura do Monge como um Messias. É o caso de Felicíssimo de Azevedo, o qual, referindo-se aos eventos do Campestre das “Águas Santas” menciona que o *Monge* era visto pelos fiéis como um “verdadeiro Messias”. Por seu turno, Alexandre Karsburg sustenta que João Maria não quis, ou nunca manifestou o desejo de “[...] assumir o papel de líder ou profeta religioso, nem se vendo como santo milagreiro” (2014, p. 60). Além disso, continua o autor, “Agostini jamais encabeçou quaisquer movimentos messiânicos, em nenhum momento de sua trajetória pelas três Américas” (2014, p. 43).

Pode-se então afirmar que enquanto João Maria se empenhava para implantar a devoção a Santo Antão, o povo via ele próprio como um santo e lhe prestava devoção⁷. Mas, tem razão Karsburg. João Maria de Agostini não se apresentou como messias, não projetou uma “cidade santa”, enquanto espaço sagrado reservado aos eleitos para desfrutarem da felicidade terrena, e não reuniu em torno de si um grupo social para desencadear um movimento messiânico, como fizeram outras figuras semelhantes em outros contextos sociais no Brasil e alhures (Pereira de Queiroz, 1976). A própria condição de peregrino e itinerante, típica do modo de ser de João Maria de Agostini, mostra-se até certo ponto incompatível com o comportamento de um líder messiânico-milenarista que tende a se estabelecer numa “Terra Santa”, ou “Cidade Celeste”.

⁷ Vale informar que o culto a Santo Antão permanece até hoje em Santa Maria. No distrito de Santo Antão, é célebre a via sacra realizada às Sextas-Feiras Santas, em que os fiéis sobem o Cerro celebrando as quatorze estações distribuídas nas cruces erguidas ao longo do morro. Igualmente, há novenas e festejos celebrados em janeiro, por ocasião da festa anual a Santo Antão. Mas, também associado ao Monge, ocorre a via sacra, no Cerro do Botucarái, também conhecida como Romaria do Santo Cerro (Goes, 2007, p. 35). Segundo Fachel (1996, p. 445), “[...] todas as sextas-feiras santas, romeiros provindos de vários lugares do Rio Grande do sul e até de Santa Catarina fazem a subida do Botucarái”.

No entanto, se levarmos em conta a tipologia dos personagens messiânicos proposta por Henri Desroche, veremos que o modelo seguido por João Maria de Agostini não constitui a exceção, mas inscreve-se entre “[...] os tipos de personagens mais frequentemente encontrados”, ou seja, o do “pregador asceta itinerante”, sendo este o tipo de personagem que “[...] muitas vezes [...] sob a pressão da consciência e efervescência coletivas, alçará a si mesmo ou será alçado até a consciência messiânica” (Desroche, 1985, p. 98). Em outras palavras, a literatura sócio-antropológica mostra que entre as possibilidades dos personagens historicamente presentes – pretendente ao título de messias ou pretendido socialmente como tal – dos personagens historicamente ausentes, sendo estas as outras possibilidades constantes na tipologia de Desroche, há soluções intermediárias, com destaque para o asceta itinerante que pôde ele próprio reivindicar a sua condição messiânica ou ser elevado socialmente a tal condição. No caso de João Maria de Agostini as circunstâncias históricas e sociais vividas e nas quais transitou não chegaram ao ponto de desencadear um fenômeno messiânico-mileranista, situação que veio a ocorrer cerca de sessenta anos mais tarde, em outro momento histórico, na região do Contestado, em Santa Catarina, sendo protagonista outro Monge João Maria, que seguiu o modelo inaugurado por João Maria de Agostini (Vinhas de Queiroz, 1966; Derengoski, 1986).

O que precede aponta para um problema teórico importante acerca da produção de um personagem messiânico. Resulta ele da reivindicação da condição messiânica por parte de um indivíduo que se considera portador de carisma e de uma vocação especial, assim admitida e reconhecida por um grupo social atraído pelos seus poderes, ou, ao contrario, trata-se da força e da pressão coletiva que elege e eleva um indivíduo à condição de “messias”? Recordo que Weber e Bourdieu, entre outros, se ocuparam desta questão, não havendo uma posição unívoca sobre ela, a mais comum talvez sendo hoje aquela que leva em consideração as múltiplas possibilidades de elementos em interação para desencadear a irrupção do personagem e do movimento messiânicos. Porém, se Karsburg não enfrentou esta questão é porque as situações e circunstâncias que envolveram a história do seu personagem não estiveram diretamente associadas à produção de um “messias”.

CONCLUSÃO

Alexandre Karsburg debruçou-se sobre a história de vida do personagem que deu origem à crença nos *santos monges*. Seu diferencial em relação aos demais estudos, como salienta, repousa numa meticulosa pesquisa realizada a partir de um importante *corpus* documental sobre um personagem, João Maria de Agostini, diferentemente da maioria dos estudos que versam sobre as crenças acerca do Monge, ou dos Monges. Ou seja, seu estudo versa sobre o indivíduo, e não sobre o grupo social, os fieis, que se reuniram em torno dele e que abraçaram as suas crenças.

O trabalho apresentado por Karsburg realiza um salto qualitativo bastante significativo na pesquisa realizada até então sobre o Monge João Maria de Agostini. Como diz o próprio autor: “[...] havia pistas a serem seguidas, não somente documentais, mas, também, historiográficas, e que me permitiram reconstruir a longa história daquele italiano em terras americanas” (2014, p. 19). De fato, o trabalho executado por Karsburg é exemplar, não somente na historiografia, no sentido de que é sempre possível dar um passo à frente na compreensão de um evento histórico, de um fato social, ou de um personagem. Há sempre algo a mais a se dizer. Basta ter paciência e ser ousado, curioso, perseverante e obstinado na procura, virtudes estas necessárias aos pesquisadores em geral e observadas também no autor do texto aqui comentado.

REFERÊNCIAS

ARGYRIADIS, Kali et alii. *Religions transnacionales des Suds*. Louvain-la-Neuve: Academia, L’Harmattan, 2012.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. *O desmoronamento do mundo jagunço*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FACHEL, Jose Fraga. *Monge João Maria. Recusa dos Excluídos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

GOES, César Hamilton Brito. *Nos caminhos do Santo Monge: religião, sociabilidade e lutas sociais no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des Évangiles en Terre Sainte*. Paris, PUF, 1971.

HOBSBAWN, Eric. *Rebeldes Primitivos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. *O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-PPGHIS, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Célio Alves de. *A construção e a permanência do mito de João Maria de Jesus na região do Contestado, Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João. *Transnacionalização religiosa. Fluxos e redes*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O Messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.

ROCHA, Cristina; VAZQUEZ, Manuel. *The Diaspora of Brazilian Religions*, Leiden: Brill, 2013.

TROMBETTA, Pino Lucà (Dir.). *Cristianesimi senza frontiere: le Chiese Pentecostali nel mondo*. Roma: Borla, 2013.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Recebido em: 25/04/2014

Aprovado em: 19/05/2014